

EDITORIAL

Os últimos acontecimentos em nosso país mostraram que toda a sociedade brasileira aguarda mudanças fundamentais. Não foram apenas a saúde e a educação postos em foco, em cada uma das manifestações que se levantaram pelo Brasil afora, mas a própria noção de direito civil. Quanto à educação, como não poderia deixar de ser, num breve despertar de consciência política e reavivamento da vontade de mudança – que esperamos que dure – mostrou-se em cartazes e gritos de ordem como uma das pedras angulares desse anseio social.

É um momento em que as universidades devem continuar produzindo conhecimento, mas procurando, a partir de então, cercar-se de questões prementes em relação ao conhecimento produzido dentro de suas fronteiras. Como difundir esse conhecimento? Como fazer com que ele chegue, de fato, a quem ele precisa chegar? Será que nós mesmos, produtores desse conhecimento, não internalizamos a lógica burocrática e paralisante com a qual o estado se defende na preservação de estruturas políticas desiguais e excludentes? E ainda: Qual a validade desse conhecimento? Se não estivermos prontos para encarar essas reflexões de frente, tememos que a universidade se transforme num espaço inócuo e incapaz de fazer com que o conhecimento seja realmente algo importante na vida dos cidadãos: uma ferramenta de emancipação social e humana.

Pensando nisso, começaremos na próxima edição da Encontros de Vista, o 12º, uma série de entrevistas com professores editores de revistas acadêmicas da área de Letras de todo o país. O objetivo é ouvi-los, e poder a partir disso refletir sobre o papel, os limites e a função que uma revista acadêmica pode ter para além dos pontos no currículo Lattes ou nas avaliações da CAPES e do CNPq. Esperamos, assim, contribuir para um debate que deve espelhar o espírito crítico que invadiu várias camadas da sociedade, os meios de comunicação e as redes sociais. O conhecimento científico sem esse horizonte, sem a consciência de ocupar a função de um propulsor de mudanças tende a se tornar, diante do mundo contemporâneo, ou algo obsoleto ou algo mortal e perverso.

Para este número da Encontros de Vista, Aldeir Gomes e Valéria Severina Gomes, com o artigo “A sucessão presidencial nas capas do jornal Diário de Pernambuco: uma leitura diacrônica”, tendo como base elementos formais, linguístico-discursivos e as Tradições Discursivas (TD), enfocam como o jornal, do séc. XIX até o séc. XX, manteve e alterou determinados elementos em sua capa a partir de um evento social significativo que é a sucessão presidencial. No artigo seguinte, intitulado “Análise de citações em artigos científicos na área de Letras”, Ananias Agostinho da Silva e Francisco Vieira da

Silva empreendem importante estudo do uso de citações por estudantes e especialistas na área de Letras, demonstrando de que modo as citações integrais e não-integrais são praticadas por um e outro grupo. No terceiro artigo, sob o título de “O editorial no jornal *O Carapuceiro* e a transposição para o ensino”, Carolina Maria Bezerra Cavalcanti e Valéria Severina Gomes analisam editoriais do periódico “O Carapuceiro”, editado pelo padre Lopes Gama de 1832 a 1847, tomando como ponto de partida os estudos sócio-históricos da língua, para propor uma consciência ampla sobre o impacto das mudanças sociais sobre as mudanças na língua e na formação de modelos textuais. O artigo ainda aborda a transposição dessa consciência do aspecto diacrônico e sincrônico da língua para o ensino. No quarto artigo, de autoria de Fábio Andrade, apresenta-se a experiência didática de uma oficina de criação poética, fundamentada em alguns importantes teóricos de metodologia do ensino de literatura. Busca-se com a oficina aproximar alunos do curso de Letras dos textos literários e, ao mesmo tempo, exemplificar de que modo podem ser didatizadas importantes reflexões dos estudos literários a respeito da natureza da criação poética. O quinto e último artigo desta edição, de autoria de Jeferson de Moraes Jacques e Andressa Mueller, intitulado “A terrível(mente inovadora) simetria: o personagem Rorschach, do romance gráfico *Watchman*, de Alan Moore e Dave Gibbons”, estuda a composição literária de um dos marcantes personagens dessa narrativa gráfica, além de encetar uma importante discussão sobre as fronteiras entre realidade e ficção. O caráter intersemiótico do objeto em questão – o romance gráfico – só enfatiza o espaço para outras linguagens que sempre marcou o perfil editorial da *Encontros de Vista*. Há ainda, no espaço literário desta edição, uma antologia dos poemas produzidos durante a oficina de criação poética realizada por Fábio Andrade.

Na expectativa de que os artigos ora publicados aqui representem iniciativas de fazer com que o conhecimento se transforme nessa ferramenta de emancipação social de que falamos e possam, de alguma forma, e cada um no seu âmbito, fomentar a consciência crítica e a capacidade de ler e interpretar as realidades que nos cercam, é que nos despedimos. Boa leitura!

Sandra Helena Melo
Fábio Andrade